



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUPORTE DE MINAS GERAIS
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
LITERATURAS**

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM PERSPECTIVA EXPECIONAL

PROJETO EDUCACIONAL:

A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: UMA
PROPOSTA DE PLAYLIST MUSICAL COM TEMÁTICA ANTIRRACISTA

ARTHUR MENEZES CORREA DA SILVA

CARLA CÔRE MAETTE

JOSELIA ASSIS DE AMBROSIO

LÍVIA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA

Orientador: Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira

1. Introdução

O presente trabalho é um produto educacional elaborado pelos estudantes do curso de pós-graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa e suas Literaturas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, para a disciplina de Literatura Afro-brasileira em Perspectiva Recepional. O texto apresentado dialoga com referências da própria disciplina e daquelas pesquisadas para fundamentar o tema em questão.

Segundo Oliveira (2019) (...) ser negro no Brasil apresenta faces com intensidades de dores diferentes, relacionadas à classe social, ao grau de instrução formal, ao gênero (OLIVEIRA, 2019, v. 29, p. 182). Essa instrução foi imposta ao negro da forma mais cruel possível, não se limitando ao período escravocrata, mas também após a sua própria abolição em 1888. A história do negro no Brasil é marcada por uma trajetória de intenso sofrimento e injustiças, que é uma consequência da colonização. Nada além disso! Pelas próprias palavras do autor “a história é contada pelos usurpadores e malfeitores” (OLIVEIRA, 2019, v. 29, p. 182). Ou seja, houve um branqueamento em relação à história do negro que, por sua vez, ao ser manipulado por ela, não consegue desfrutar da sua verdadeira identidade e, com isso, sofre as imposições de seus opressores até os dias de hoje.

Aos negros não foi dada nem mesmo a possibilidade de assumirem a condição de testemunhas, não foi dado o direito da ampla defesa e do contraditório, quem dirá então, o direito de serem protagonistas de suas próprias histórias. Por isso, por muitas vezes, ocorre um processo de negação por parte do negro de sua própria origem (africana) para forjar forçosamente e artificialmente uma nova realidade (europeia). Durante esse doloroso processo pode ocorrer o fenômeno de branqueamento caracterizado pelo extremismo de negação das raízes. (OLIVEIRA, 2019, v. 29, p. 183)

Dessa maneira, levar para a sala de aula pautas antirracistas não é apenas uma forma de extinguir esse branqueamento, mas, sobretudo, de engrandecer a identidade do negro, além de favorecer o resgate de uma cultura extremamente rica trazida de África, mesmo mesclada com outras culturas já existentes no Brasil. Com isso, é possível valorizar esse legado

cultural, pois na medida que o negro é colocado em seu lugar de origem, conseqüentemente apaga o branqueamento que lhe é imposto, valorizando e eternizando, dessa forma, sua ancestralidade. Há inúmeras maneiras de afirmar essa identidade, inclusive utilizando as próprias ferramentas do branqueamento e do neoliberalismo. A mensagem precisa sobressair-se ao canal. A música, por si só, consegue imergir-se em nós mesmos. Por que, então, não a utilizar de forma estratégica na sala de aula?

A maior motivação deste trabalho está na Lei no 10.639/03, que estabelece o ensino de história e de cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio (2015): A Lei nº 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira, representou um grande avanço no sentido de possibilitar a construção de uma educação antirracista (AGUIAR; PIOTTO; CORREA, 2015, v. 9, p. 373), e, de maneira conjunta, seguindo as recomendações da BNCC para a utilização de práticas desenvolvidas pelas TDIC's. Com isso, o objetivo deste trabalho é propor a utilização do gênero digital *playlist* musical para uma educação literária antirracista.

Para que este produto educacional possa ser implementado em sala de aula como, sugerimos as seguintes etapas metodológicas: inicialmente, serão explicadas as concepções de metodologias ativas, gêneros textuais, tecnologia e música, dialogando com as pautas antirracistas e valorização de identidade do negro. Posteriormente, será elaborado um plano de aula para a prática dessa proposta.

Embora nosso objetivo com esse trabalho seja contribuir com uma proposta didático-pedagógica que estimule o protagonismo do discente na construção do seu próprio conhecimento, alguns questionamentos surgem: como é possível reforçar a importância de práticas cujas metodologias são ativas, a fim de tirar o aluno da passividade, para colocá-lo no lugar ativo na construção da sua própria aprendizagem? E como trabalhar esse conteúdo, por meio de navegações, como a música em plataforma de streaming, para compreender pautas antirracistas?

2. Práticas contemporâneas para o ensino antirracista

A utilização de metodologias que colocam o aluno como protagonista na sala de aula está sendo cada vez mais discutida e aplicada nas escolas, uma vez que contraria as concepções tradicionais de ensino, dentre elas, aquelas mencionadas por Freire, como a educação bancária.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. (FREIRE, 2013, p. 81)

Um ensino cujo conteúdo não é interpelado pela criticidade, pela mediação, tampouco pela autonomia do aluno, mas pela exposição de conteúdos, transformando alunos e professores em depósitos de arquivos, extraídos de conteúdos prontos e cronogramas utopistas, objetivados para favorecer aos opressores, que por sua vez, propositalmente, não permitem a transformação do sujeito.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2013, p. 83)

Gazela (2018) afirma que o ensino de literatura na escola se divide em teorias e escolas literárias e interpretação de textos literários (2018). Ou seja, é a história da literatura, em vez da literatura propriamente dita. Não há uma imersão do aluno, como indivíduo, ser social e leitor nas obras literárias. Além disso, o cânone estático em obras clássicas o afasta da realidade atual. Uma literatura que dialoga com o aluno é um dos desafios no ensino do português na atualidade, principalmente quando as pautas, que estimulem a criticidade do aluno, são negadas pelo próprio sistema escolar ou são ensinadas de forma equivocada.

A utilização de metodologias ativas pode trazer inovação em qualquer ensino, inclusive o de literatura, não sendo necessário o uso de tecnologias ou tecnologias digitais, também denominadas por TDIC's (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação). Porém, caso haja infraestrutura, motivação e

interesse da comunidade escolar, a utilização desses recursos facilita a implementação de práticas estimuladoras que auxiliam a prática pedagógica do professor. Tradicionalmente, os educadores que trabalham de maneira dialogada não exploram muitos recursos tecnológicos: a principal tecnologia é justamente o livro impresso, e a aula se baseia em ler o texto e em conversar sobre ele. (GANZELA, 2018, p. 111)

Entretanto, normalmente há, ainda, uma resistência por parte dos professores na utilização desses métodos, assim como há um desinteresse dos alunos para o aprendizado. A proposta de qualquer prática pedagógica deve estar alinhada com a realidade do ensino, principalmente quando é ambientado em escolas públicas. Dessa maneira, GANZELA (2018):

Todavia, será que as tecnologias não podem, de alguma maneira, auxiliar o professor nessa missão que parece impossível? Mesmo diante de tal cenário, as experiências com metodologias ativas, as quais avançam de maneira bastante interessante em outras disciplinas, ainda podem encontrar aceitação dentro dessa concepção mais moderna de ensino de literatura? (GANZELA, 2018, p. 117)

Para Silva (2020), as TDIC's não só facilitam a aplicação de muitas metodologias ativas como abrem novas e diferentes oportunidades de interação, colaboração e construção de conhecimentos condizentes com os contextos culturais contemporâneos. (SILVA, 2020 p.15). Em outras palavras, a utilização de Metodologias Ativas mediatizadas com a tecnologia no ensino de literatura pode ocorrer de diversas maneiras. Embora seja uma prática comum, inclusive no Ensino Superior, a compreensão das metodologias ativas não pode se limitar ao uso de textos lidos fora do ambiente escolar, como, por exemplo, na casa do aluno, e discutidos em sala de aula, como é utilizado no modelo de sala de aula invertida ou no Ensino Híbrido. Além de comprometer o rendimento escolar do aluno, uma vez que o professor age de forma conteudista, essa prática pode, mesmo sendo teoricamente considerada inovadora, manter-se mecanizada. Um erro comum são os professores não confiarem nos estudos prévios e fazem exposição longa dos conteúdos disponibilizados previamente, transformando, assim, sua estratégia numa aula expositiva tradicional. (SILVA, 2020, p.22)

É possível ensinar literatura por meio de metodologias ativas, sem necessariamente utilizar somente textos como apoio de materiais didáticos ou das tecnologias. A utilização de práticas cujas metodologias são pautadas na autonomia do aluno devem ser questionadoras e, conseqüentemente, transformadoras para que o aluno contribua com o seu conhecimento prévio e participe da aula simultaneamente. Uma das maneiras de se utilizar as práticas pedagógicas ativas com tecnologias digitais no ensino da literatura, principalmente no ensino da literatura afro-brasileira, como objetiva este trabalho, é trazer materiais instigantes, que estejam dentro da realidade do aluno, podem ser aplicados por meio dos Gêneros Digitais.

Marcuschi (2008) considera a internet como um suporte de gêneros textuais porque, além de conter todos e diversos gêneros, a internet também contribui para o surgimento de novos gêneros textuais. É através dela que a interação linguístico-social ocorre com mais frequência, pois mesmo que a interação ocorra no âmbito virtual, há sujeitos reais envolvidos nela.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais e institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

O autor (2008) aponta que o estudo dos gêneros textuais é interdisciplinar, principalmente quando seu funcionamento atinge atividades culturais e sociais. O autor (2008) afirma que (...) Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. (MARCUSCHI, 2008, p.154). Na mesma medida, há a utilização dos gêneros digitais. Embora a utilização desses gêneros apresente características neoliberais, é também uma oportunidade para as transformações sociais. Isto é, as ferramentas são importantes, mas o conteúdo também é relevante.

Os novos letramentos/letramentos digitais são, portanto, ao mesmo tempo produtores e resultados de apropriações culturais (mas também institucionais, sociais e pessoais) das tecnologias digitais. Essas apropriações põem em evidência processos e conflitos socioculturais que sempre existiram, e que não deixarão de existir, mas também abrem a possibilidade de transformações (inovações,

aberturas de sentido, instabilidades estruturais etc.) que ações e/ou políticas educacionais e de inclusão social (digital) deveriam aproveitar, ou ao menos não ignorar. (RIBEIRO et al., 2012, p.83)

O aluno precisa transformar a realidade em que está inserido, logo, ele é colocado na posição de sujeito. Mas, para além do seu papel individual, há uma coletividade também envolvida, que buscará essa transformação, principalmente se for formada por sujeitos, considerados uma minoria pela sociedade. Trata-se de uma educação fundamentada na compreensão e no respeito à diversidade. Torne-se necessário amenizar as imagens preconceituosas trazidas do seu conhecimento prévio, pois, afinal, é um equívoco afirmar que o ensino prévio é todo aquele conhecimento satisfatório para o ensino.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. (FREIRE, 2002 p. 18)

Com isso, o trabalho com questões sociais e que estimulem o senso crítico não deve ser enfadonho, mas, tanto no conteúdo, quanto na sua forma, precisa ser intertextualizado com a realidade do aluno. Em outras palavras: à medida que a sociedade adere a novas mudanças como, por exemplo, as tecnológicas, o ensino precisará utilizá-las ao seu favor.

É por meio do ensino que é possível combater situações que retrocedem a sociedade ou que impedem o seu avanço. Dentre essas questões, contemplamos neste objeto pedagógico: o preconceito, o racismo e o etnocentrismo. Uma educação de combate pode também ser estimuladora identitária.

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2012, p.43)

Trabalhar para combater o racismo e conjuntamente valorizar a identidade do negro vai além da questão cultural, uma vez que entendemos

que o contexto influencia o comportamento de uma sociedade. Por isso, levar questões sociais, políticas, ideológicas e da própria linguagem para a sala de aula torna o trabalho com a literatura afro-brasileira mais significativo, mais reflexivo e crítico. Aqui estamos falando do compromisso maior da instituição escolar que é promover o exercício da cidadania nos alunos, já que a igualdade, a liberdade e a justiça devem ser valores sociais também fomentados pela escola para que os alunos possam reproduzi-los em suas vivências particulares e públicas.

3. Proposta didático-pedagógica com gêneros musicais

Como vimos afirmando, o trabalho com os gêneros digitais, mais especificamente com os gêneros musicais apoiados em suportes tecnológicos, pode contribuir sobremaneira com o trabalho do professor no que diz respeito à abordagem da temática antirracista. Muito mais interessante do que uma aula expositiva com apresentação de dados históricos ou personalidades que marcaram o movimento pela igualdade racial no Brasil será a construção de um trabalho coletivo entre os próprios alunos para que pesquisem e reflitam criticamente sobre essa temática. A seguir, estruturamos um plano de aula ou uma sequência didática a fim de abordar a temática antirracista na sala de aula.

Componente curricular:

Língua Portuguesa e Literatura.

Público:

1º, 2º ou 3º ano do ensino médio.

Conteúdo:

Análise de músicas brasileiras que abordam a temática antirracista em suas composições.

Justificativa:

Grande parte do público que ocupa as carteiras das salas de aula das escolas públicas brasileiras pertence à classe média baixa e é negro. São alunos que herdaram as mazelas geradas durante o período colonial brasileiro e que se perpetuam até os dias atuais na forma de discriminação e de desigualdade social. Por isso, a escola precisa promover uma educação antirracista, não só para ajudar a combater ativamente toda e qualquer forma de preconceito, mas também para valorizar a contribuição histórica africana na formação cultural do Brasil.

É na escola que os indivíduos constroem os primeiros aprendizados formais, mas também é nela que vivencia situações de preconceito e discriminação, sobretudo os estudantes negros. Sendo assim, a pauta antirracista deve estar presente na escola como um conteúdo de ensino, que pode ser trabalhado em diversos componentes curriculares, inclusive, de forma integrada, sob uma perspectiva inter e transdisciplinar, já que o ensino antirracista está amparado na Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Trata-se de um importante mecanismo para corrigir esse cenário de desigualdade e mudar a forma de educar. O presente trabalho é uma ínfima contribuição para combater o racismo estrutural, também fortemente enraizado nas instituições de ensino.

Objetivos:

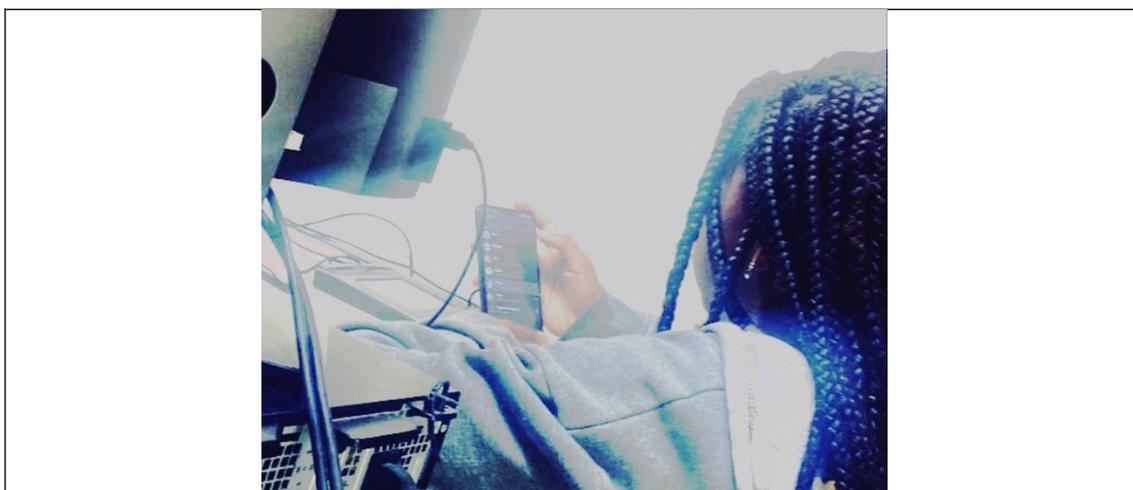
- sensibilizar os alunos para a percepção e posterior análise de questões relacionadas à herança colonial racista, que acarreta problemas sociais tais como, desigualdade social entre negros e brancos, dificuldade de ascensão do negro no mundo do trabalho, no universo acadêmico, nos espaços de poder;
- despertar no aluno a criticidade em relação à função social do gênero canção, que não se restringe somente à fruição do ouvinte, mas constitui uma ferramenta eficaz para contestação da ordem social vigente, uma estratégia poderosa de denúncia social;
- proporcionar ao aluno a experiência do trabalho em equipe com a finalidade de desenvolver habilidades socioemocionais fundamentais à vida particular e pública de qualquer indivíduo, tais como empatia,

diálogo, cooperação, colaboração, resolução de conflitos, gestão de emoções.

Procedimentos metodológicos:

Inicialmente, o professor distribuirá para cada aluno a notícia reproduzida a seguir, que será utilizada como “gatilho” para a introdução às discussões da temática relacionada ao racismo.

Figura 1- Notícia sobre injúria racial em escola



FAMÍLIA DE ALUNA DENUNCIA INJÚRIA RACIAL EM ESCOLA PÚBLICA DO RIO: ‘CABELO DE MACACO’

Estudante de 11 anos foi vítima de ofensas racistas em grupo de WhatsApp; segundo familiares, um dos áudios pode ter sido enviado por uma pessoa adulta

Os familiares de uma aluna da Escola Municipal Almirante Frontin, em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, usaram as redes sociais para denunciar, nesta quarta-feira, um episódio de injúria racial sofrido pela menina de 11 anos em um grupo de WhatsApp com outros estudantes da instituição. Em um dos áudios enviados, a voz que parece ser de uma mulher adulta, possivelmente responsável por algum aluno, chama a menina de “cabelo de macaco”.

Pai da estudante, o analista de planejamento João do Carmo conta que já havia percebido comportamentos diferentes na filha há algum tempo. Segundo ele, a menina estava triste e sem vontade de ir à escola, além de demonstrar vergonha de frequentar as aulas com o cabelo natural, optando por estar sempre com tranças.

Na madrugada desta terça-feira, por volta de 00h30, os alunos que integram o grupo, criado pelas próprias crianças, estavam conversando, até que, segundo o relato da família, um áudio entrou na conversa. Neste áudio, a pessoa, que parece ser uma mulher adulta, diz: “Garota, não tem o que fazer, não? Vai dormir, cabelo de macaco”. A mensagem foi seguida por mais áudios, enviados por outras crianças.

“Todo mundo se acha melhor que você, piolhenta (...) vai de trança para a escola porque quer esconder esses piolhos, esse cabelo ridículo (...) sabe que seu cabelo é podre, é ridículo, querida (...) está passando vergonha”, diz outra estudante em um áudio.

Segundo a corretora de imóveis Rayane Teixeira, ex-companheira da mãe da vítima, o grupo tem crianças com idade entre 10 e 12 anos, que também ameaçaram agredir a menina em outros áudios. Os

parentes relatam, ainda, que, no decorrer do ano letivo, outras situações foram vividas pela menina, mas, até então, eram disfarçadas por um tom de brincadeira.

— Ela está dilacerada. Ontem ela precisou falar, prestar queixa. Isso para ela caiu como um tsunami, ela está mal — explica a corretora.

As mensagens foram vistas somente na manhã de terça, quando os pais da menina resolveram pegar o celular e acessaram o grupo. Ao ouvirem os áudios, decidiram ir até à escola. Lá, encontraram portões fechados, tocaram o interfone, e foram atendidos por uma pessoa. Segundo ela, a diretora estaria muito ocupada e não poderia atender. Ao saber o assunto tratado, os familiares contam que ela voltou e disse que a diretora estaria “resolvendo coisas mais importantes”.

— Tem a questão do racismo e a questão da ameaça envolvendo alunos. A criança passando por um momento de sofrimento, de agressão, e a escola, que tinha que ser um lugar para acolher, se recusou a atender o pai de uma aluna com a justificativa de que tinham coisas mais importantes para fazer. Isso deixa muito claro como funciona o racismo sempre que a gente levanta a voz para reclamar e exigir nossos direitos — diz o pai da menina.

Com a negativa de atendimento na portaria da escola, a família decidiu fazer registro de ocorrência na 20ª DP (Vila Isabel), unidade mais próxima da casa onde vivem. A autora do áudio enviado no grupo ainda não foi identificada e, segundo a Polícia Civil, diligências estão em andamento para esclarecer os fatos.

Nesta quarta-feira, a Secretaria Municipal de Educação foi procurada pelo GLOBO, e afirmou que a direção da escola chamou, hoje, os responsáveis da menina para apurar a situação e “tomar providências”. Além disso, a pasta diz não compactuar com “atitudes racistas na comunidade escolar”, e que a postura não representa o trabalho da rede. A diretora da unidade escolar diz que, na verdade, a ocorrência não chegou ao conhecimento dela.

A gestora da unidade de ensino recebeu os pais em uma reunião realizada no fim da tarde desta quarta-feira, e alegou, ainda, que ninguém a havia informado sobre qualquer tipo de situação de racismo na escola, e que ficou sabendo de tudo por meio das redes sociais. Por fim, demonstrou apoio à família na apuração dos fatos e próximos passos a serem dados.

Para o pai da criança, o caso precisa ser levado para a Justiça e para a mídia para reforçar o entendimento do racismo como um crime.

— Que as pessoas entendam de uma vez por todas que racismo não é “brincadeira de mau gosto”, é crime. Que toda tentativa de amenizar, suavizar e omitir os casos, é mais uma agressão a vítima. Precisamos de mais atuação do poder público na implantação de ações antirracistas nas escolas e no acolhimento das famílias — diz.

LYRA, Julio Cesar. Família de aluna denuncia injúria racial em escola pública do rio: ‘cabelo de macaco’. **Jornal O Globo**, 2022. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/google/amp/rio/noticia/2022/12/familia-de-aluna-denuncia-injuria-racial-em-escola-publica-do-rio-cabelo-de-macaco.ghtml> > Acesso em 20/12/2022.

Essa notícia (ou outra que o professor julgar mais atualizada) poderá ser utilizada para introduzir a discussão da temática sobre racismo. O professor poderá elaborar alguns questionamentos para motivar a participação e, sobretudo, a reflexão do aluno sobre o tema. Não há necessidade de os alunos responderem por escrito. O objetivo é promover um debate sobre a temática do racismo, de modo que tanto o aluno contribua com seus conhecimentos e experiências quanto o professor contribua com informações de cunho mais abrangente, recorrendo, inclusive, a fatos históricos, como o período escravagista no Brasil.

Alguns questionamentos que podem ser utilizados para “movimentar” as discussões.

1. Qual é o gênero desse texto?

2. Qual seu propósito comunicativo, ou seja, ele foi escrito para quê?
3. Qual o assunto ou tema abordado?
4. É um tema atual, do nosso cotidiano ou algo mais incomum?
5. Algum de vocês já sofreu alguma forma de discriminação?
6. Alguém já sofreu discriminação por ser negro? Ou conhece alguém que foi alvo de discriminação pelo mesmo motivo?
7. Caso você tenha sido alvo de racismo, como você lidou com a situação?
8. Caso você tenha sido alvo de racismo, quais foram os impactos/efeitos/consequências disso para sua vida?
9. Por que, no Brasil, há tanto preconceito por conta da cor da pele? O que originou esse fato?
10. Quais são as implicações sociais, políticas, econômicas e culturais geradas pelo racismo?
11. O texto fala de injúria racial, que é um crime. Mas qual a diferença entre o crime de racismo e o crime de injúria racial?

Esses e outros questionamentos poderão ser levantados pelo professor com o intuito de motivar uma discussão que leve os alunos a refletir sobre os impactos do racismo para toda a sociedade. Embora o tema seja amplo e jamais se esgote em uma aula de 50 minutos, sugerimos a finalização do debate com a seguinte pergunta:

12. Alguém poderia citar uma forma pacífica de combate ao racismo? Esse questionamento tem como objetivo instigar o aluno a pensar formas positivas de combate ao racismo e, nesse momento, o professor pode sugerir uma ferramenta poderosa: a arte, por meio de músicas com temática antirracista.

Na aula seguinte, o professor apresentará a proposta didática aos alunos. Ele dividirá a turma em grupos de 4 ou 5 alunos (imaginemos uma turma com, em média, 30 alunos) e pedirá para cada grupo selecionar uma música cujo tema central aborde exatamente a temática antirracista.

O professor passará aos alunos, previamente, um roteiro com questionamentos para análise da canção selecionada e também para posterior apresentação da música escolhida à turma. Uma sugestão para a composição desse roteiro será a resposta desses questionamentos, que ajudarão os alunos

a refletir sobre as questões sociais mais específicas que podem surgir nas músicas.

Cada grupo deverá apresentar por escrito (por meio de cartazes ou datashow) um texto que responda aos seguintes questionamentos do roteiro para apresentação das músicas selecionadas:

1. Título da música;
2. Autor(es)/(as);
3. Intérprete(s);
4. Letra da música;
5. Estilo musical;
6. Biografia do(s)/(as) intérprete(s) ou grupo musical. Podem ser mencionadas curiosidades do(s) artista(s) (autor ou intérprete) em relação à música e/ou sua temática;
7. Temática social ampla;
8. Temática social específica;
9. Apontar e explicar qual é a mensagem social contida na música;
10. Selecionar um verso ou versos que o grupo julgou mais impactante/interessante, considerando a temática específica e/ou mais ampla veiculada pela música.

Ao final da atividade, os grupos deverão se reunir e organizar uma *playlist* com todas as músicas selecionadas.

Cada grupo redigirá uma pequena descrição, de modo que apresente, concisa e objetivamente, quem é o(a) intérprete e/ou autor(a) ou grupo musical e a temática específica da playlist.

Recursos didáticos:

- quadro, pincel e apagador para possíveis anotações;
- caixa de música para reprodução das músicas selecionadas;
- cartazes com o texto do roteiro de apresentação das músicas ou
- datashow para visualização do texto do roteiro de apresentação das músicas.

Avaliação:

- nível de adequação da música selecionada em relação à proposta da atividade;
- nível de adequação no tocante às respostas ao roteiro para apresentação das músicas;
- nível de adequação acerca da elaboração da descrição para cada música;
- nível de adequação em relação à elaboração da descrição para a *playlist*;
- nível de envolvimento e colaboração individual no grupo e também o nível de envolvimento e colaboração dos grupos entre si na última etapa da atividade (criação da *playlist*).

Tempo estimado:

- primeira parte: 50 minutos para apresentação da notícia “Família de aluna denuncia injúria racial em escola pública do rio: ‘cabelo de macaco’” e discussão sobre a temática do racismo;
- segunda parte: 2 a 3 aulas de 50 minutos para apresentação de todos os grupos com as respectivas músicas selecionadas e as respostas aos roteiros.
- terceira parte: uma aula de 50 minutos para apresentação do produto final dos grupos, que será a *playlist* e sua descrição.

4. *Playlist* musical com temática antirracista

As ferramentas digitais estão presentes no dia a dia dos jovens devido ao avanço da tecnologia e, portanto, cada vez mais, eles se apropriam dessas ferramentas.

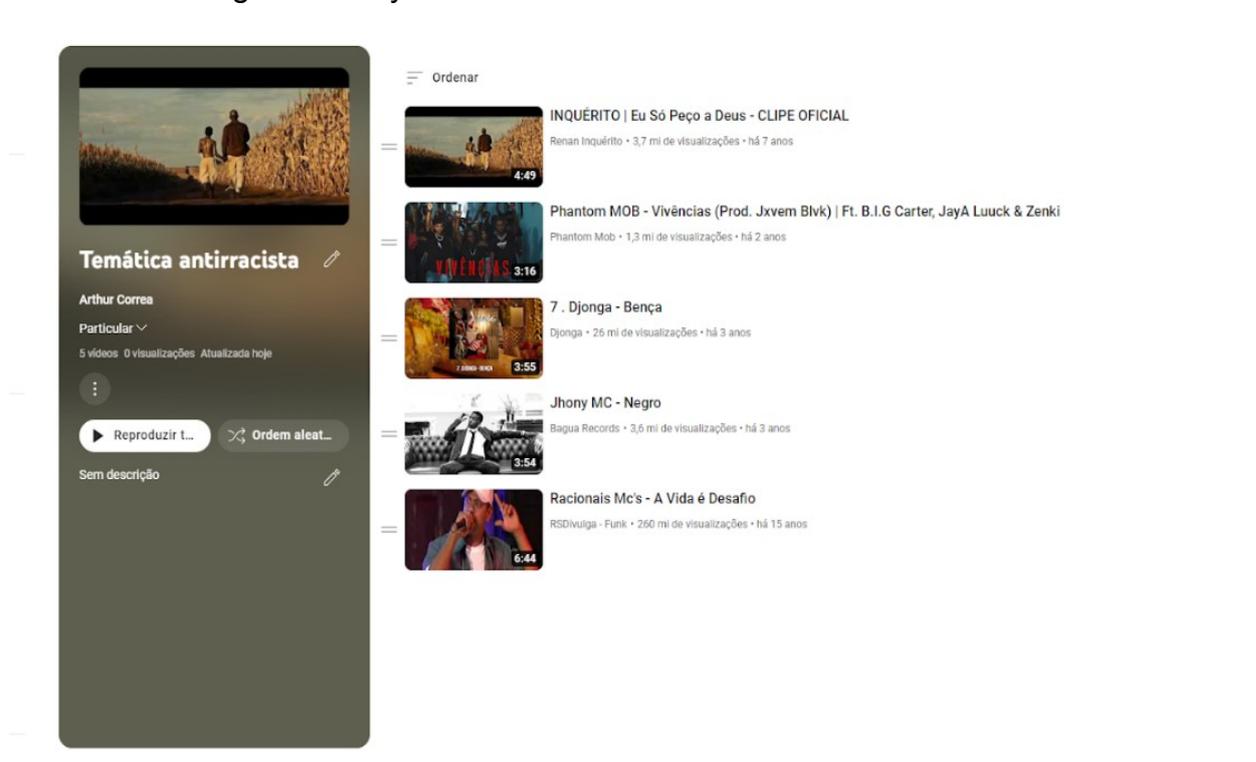
Desde os primórdios da música gravada que a sonoridade se destaca como parte dos aspectos narrativos que configuram a escuta musical, fato que parece acentuado na cultura digital. Comentários, likes, dislikes, indicações, compartilhamentos, criação de *playlists* alicerçam ajuntamentos heterogêneos que integram música, vídeos, entrevistas, apresentações ao vivo, lives, sistemas de recomendação, posts, biografias e modos de acesso aos dados sonoros e audiovisuais em streaming. (JANOTTI JR., 2020, p.19).

Dessa forma, para o auxílio do professor em sua prática docente, apropriamo-nos de vídeos disponíveis no Youtube, de cunho político e étnico-racial, a fim de um satisfatório trabalho docente. A fim de exemplificar a

produção final da proposta didática descrita anteriormente, criamos uma *playlist* com 5 músicas e sua respectiva descrição e análise.

A *playlist* a seguir é um exemplo da sua criação em sala de aula. Além disso, ela também pode ser utilizada pelo professor com os alunos para trabalhos interpretativos.

Figura 2- Playlist com as músicas com temática antirracista



Segue o link para acesso à playlist que criamos:

https://youtube.com/playlist?list=PLt_FpkHEhfJcTEOkavKsW3Is7SA43GUWq

5. Análise das músicas

Consideramos as letras de músicas listadas a seguir como textos poéticos, uma vez que apresentam forte carga subjetiva, recursos estilísticos que transmitem emoções e sentimentos, estruturação em versos e estrofes, presença de ritmo, rima, sonoridade, figuras de linguagem, entre outros recursos de natureza poética.

Nos tópicos seguintes, procederemos à análise de cinco letras de músicas que podem ser trabalhadas em sala de aula com os alunos.

1. Inquérito | Eu Só Peço a Deus

Nessa música, é possível trabalhar com subjetividade, com figuras de linguagens, com significado de siglas e com a própria linguagem formal vs informal, contudo, a intertextualidade sobressai-se na medida que há uma intertextualidade explícita da música “Malandragem” de Cássia Eler, quando o cantor repete a mesma frase “eu só peço a Deus” e acrescenta que também não aprendeu a amar. E quando é possível explorar o conhecimento de mundo do aluno sobre as siglas apresentadas, como AK, PM e BPM, assim como a relação de proximidade e afastamento entre cartão postal/photoshop social, lápis/fuzil, Rodovia Hitler/Israel entre outros, que são cantadas nos refrões. Isto é, são palavras, que além de corresponderem ao ritmo da música, não trazem apenas um teor conotativo, mas exaltam a realidade daquilo que se propuseram denunciar. Já em relação ao vídeo, é possível trabalhar com a intertextualidade em relação a histórica escravocrata no Brasil. O vídeo traz uma perspectiva do passado sobre relação entre opressor vs oprimido, que mesmo apresenta outro contexto, pois ainda permanece, trazendo essa correlação com as ações policiais para com o homem negro.

2. Phantom MOB - VIVÊNCIAS (Prod. Jxvem Blvk) | Ft. B.I.G Carter, JayA Luuck & Zenki

A presente letra da canção expõe, de forma lírica e poética, a dura realidade enfrentada pela população negra, na atual sociedade e, mais remotamente, desde o século XVI. Ou seja, segundo o poeta, durante a música, percebe-se tal menção: “Porque nosso povo é sempre recebido com balas no peito durante 500 anos não aguentamos mais viver com medo”. A letra, intitulada “Vivências”, como o próprio nome deixa evidente, vem relatar as

práticas sociais vivenciadas pelos negros, conforme é citado: “As vivências nesse lugar me ensinaram a ser um preto esperto nego eu passei minha vida fugindo das miras dos ferros”. Nesse trecho, percebe-se uma menção à escravidão nos séculos passados e, por meio da música, o autor se revolta com tamanha crueldade e injustiça que seu povo enfrentou desde sua ancestralidade. O eu-lírico menciona outros elementos, no decorrer da música, que nos revelam o quão sofridos seus antepassados foram por terem sido humilhados pela elite econômica de uma sociedade totalmente racista e preconceituosa. Diante dessas questões abordadas no rap, tais comportamentos sociais estão presentes ainda na atual sociedade e, portanto, deve-se cada vez mais abordar tais temáticas em salas de aula, sobretudo, em aulas de literatura e história, já que são assuntos garantidos pela Lei 9.394/96, em seu artigo 26, que regulamenta o ensino de história e cultura afro-brasileira.

3. Djonga - BENÇA

Nessa música pode-se explorar um pouco mais as características do tipo discursivo narrativo, pois o eu-lírico conta a história de alguém, nesse caso, suas antepassadas: avó e mãe. Além disso, a voz do narrador, os contextos de lugar e de tempo são relatados, assimilando-os com a sua própria história e a história de outras pessoas, que passaram pela mesma situação. Com isso, ele se desloca de um contexto próprio e direciona para as mães negras, para os filhos negros, para as famílias negras, que enfrentam um problema em comum: o racismo. Não foi encontrado vídeo para a descrição.

4. Jhony MC - NEGRO

A letra da música “Negro” é constituída por 74 versos, distribuídos em 6 estrofes, em que o eu lírico relata as dificuldades de ser negro em um país como o Brasil, que possui um passado escravocrata, cujo maior legado é o racismo estrutural.

O eu lírico começa afirmando que, só pelo fato de ser negro, tudo na vida já se torna mais difícil de ser conquistado e o esforço do negro precisa ser dobrado, se comparado ao de uma pessoa branca. Ele afirma não acreditar na política e nos políticos, pois sabe que o dinheiro que falta para os trabalhadores

brasileiros sobra nas carteiras dos políticos. Além disso, fala também do estigma da cor da pele, uma vez que, por ser negro, já desperta desconfiança nas pessoas. Diz se orgulhar da sua cor negra e não aceita ser chamado de afrodescendente, nem de "pretinho". É negro e negro morrerá.

Vale a pena apresentar aos alunos a música acompanhada do videoclipe, uma vez que a linguagem cinematográfica é rica para a construção de sentidos na música.

O intérprete inicia e finaliza o vídeo com o punho cerrado e erguido para o alto, numa nítida referência ao movimento dos Panteras Negras, partido político norte-americano surgido em defesa da comunidade afro-americana, na década de 1960. Na música, o punho cerrado simboliza o enfrentamento, a luta, a resistência negra contra a opressão e a violência.

É perceptível que o intérprete Jhony MC se veste de forma muito semelhante a Malcom X – ativista afro-americano que atuou em defesa dos direitos da comunidade afro-americana durante a era americana dos movimentos dos direitos civis (décadas de 1950 e 1960) – na cena em que o rapper Jhony olha pela fresta da janela com a arma na mão, em referência à famosa foto do Malcom X, tirada na década de 60.

Além disso, quando o cantor aparece com um guarda-chuva nas mãos, parece fazer alusão ao episódio em que um homem negro, que estava com o guarda-chuva nas mãos, foi executado porque as forças de segurança entenderam que ele portava um fuzil.

É interessante destacar que essa música foi comercialmente lançada no dia 20 de novembro de 2019, Dia da Consciência Negra, data propositalmente escolhida por Jhony MC.

Portanto, trata-se de uma letra que denuncia o sofrimento da população negra não somente em tempos remotos, mas também atualmente. Ao final da música, fica registrado o convite que o eu lírico faz aos seus interlocutores para lutarem contra o racismo, para não aceitarem a subjugação exercida pelas classes dominantes, para lutarem por seus direitos, por liberdade, por igualdade e por justiça.

5. Racionais MC's – A vida é desafio

Essa música foi lançada no ano de 2002, mas sua temática permanece bem atual, uma vez que os desafios da vida são inspirações para a composição. A letra da música trata de um relato pessoal, uma voz que ecoa buscando pelos sonhos e lutando para conquistar que há de melhor com bases em suas escolhas.

Esse mesmo relato é compartilhado por toda uma comunidade, por toda uma sociedade que ainda vive o desprezo e é tido como minoria, que às vezes precisa mudar o roteiro da sua história para continuar vivendo. A música mostra a luta do que tem pouco e que se apegua em outros meios para sobreviver, mesmo que não seja bem-visto. São jovens sonhadores, cujos sonhos foram interrompidos por uma gravidez na adolescência ou prisões pelo crime. E mesmo nesse cenário, o compositor fala de uma nova chance: “A oportunidade de mudança tá no presente, não espere o futuro mudar sua vida”.

Essa composição permite trazer os alunos para mais perto, pois é a realidade de muitos, até mesmo de seus familiares. É possível ao professor desenvolver um trabalho interativo com seus próprios relatos, como uma roda de conversa ou debate em sala, mostrando que é possível ter outros caminhos/escolhas na vida e vencer os seus desafios, conquistando o seu lugar no mundo, por meio de novas possibilidades.

6. Considerações finais

O desenvolvimento desse trabalho nos permitiu compreender a importância dos gêneros textuais em uso no ambiente escolar com relação aos meios tecnológicos, com base nos gêneros digitais, que agregam grande valor para a geração dos jovens que ocupam os bancos escolares. O produto educacional suscita uma reflexão de forma didática para uso dessa tecnologia, tendo como objetivo propor a utilização do gênero digital *playlist* musical, para uma educação literária antirracista.

Nesse sentido, um dos questionamentos levantados foi *Como trabalhar esse conteúdo, por meio da navegação virtual, utilizando as músicas, em plataforma de streaming, para compreender pautas antirracistas?* Com isso, analisamos, num primeiro momento, a relação da diversidade dos gêneros

textuais, sendo que estes estão presentes no cotidiano dos nossos alunos e carregam uma gama de intertextualidade ou interdiscursos.

Percebemos que existe toda uma base teórica que considera o adolescente como protagonista do seu próprio aprendizado e é esse impacto que alavancamos com o uso dos gêneros digitais, pois desejamos levar aos alunos algo novo, mesmo que seja desafiador colocar o discente em evidência, dando a oportunidade de usar suas experiências do dia a dia para se apropriar de um conteúdo que também faz parte da sua rotina escolar.

Compreendemos que é nesse momento que o professor desenvolverá uma aula dinâmica e diversificada, abordando a temática através do ponto de vista do aluno, em que o artista escolhido por ele será ouvido, o ritmo que o representa será apresentado e o educador, de maneira ampla, explicará o seu conteúdo.

Concluimos que, apesar de ser importante o trabalho em sala de aula, a tecnologia ainda é vista como um tipo de libertinagem ou até mesmo como algo difícil de ser desenvolvido em sala, muitas vezes pela falta de recursos para os profissionais. Mas acreditamos que, aos poucos e com boa-vontade, os alunos serão estimulados a compreender a diversidade que existe a sua volta, a riquezas de informações que serão compartilhadas pelo professor e por eles, pois lhes será oportunizado um momento em que analisarão uma cultura que está muito presente no seu entorno, mas que é pouco notada ou compartilhada.

Com isso, esperamos e desejamos fortemente que este produto educacional sirva como um projeto pedagógico ao corpo docente, ou seja, que se torne um material que, para muito além de apenas colorir mãos algemadas e confeccionar cartazes para o dia 20 de novembro, ou tão-somente reproduzir um datas e fatos históricos aos alunos, seja utilizado de forma reflexiva, contextualiza, de modo a valorizar a história e a literatura afro-brasileira, aliado ao uso das ferramentas digitais.

7. Referências bibliográficas

AGUIAR, Márcio Mucedula; PIOTTO, Débora Cristina; CORREA, Bianca Cristina. Relações étnico-raciais e formação docente:: situações de discriminação racial na educação infantil. **Revista Eletrônica de Educação**, [s. l.], v. 9, ed. 2, p. 373-388, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)

BRASIL. LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. nº 10.639/03, de 23 de dezembro de 2003. "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. **LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**, [S. l.], 2003.

Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%20C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias. Acesso em: 23 dez. 2022.

BACICH, Lilian et al. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. [S. l.: s. n.], 2018.

COELHO, I. S.; MOREIRA, A. C.; SANTOS, H. **A música na sala de aula - a música como recurso didático**. UNISANTA Humanitas, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.

FÉLIX, G. F. R.; JÚNIOR, W. O.; SANTANA, H. R. G. **A música como recurso didático na construção do conhecimento**. Cairu em Revista, v. 3, n. 4, p. 17-28, 2014.

FREIRE, Paulo. **A concepção "bancária" da educação como instrumento da opressão**. Seus pressupostos, sua crítica. In: PEDAGOGIA do oprimido. [S. l.]: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. [S. l.]: Paz e Terra, 2002.

JANOTTI JR., Jeder. **Gêneros musicais em ambientações digitais**. [S. l.: s. n.], 2020.

LYRA, Julio Cesar. Família de aluna denuncia injúria racial em escola pública do rio: 'cabelo de macaco'. **Jornal O Globo**, 2022. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/google/amp/rio/noticia/2022/12/familia-de-aluna-denuncia-injuria-racial-em-escola-publica-do-rio-cabelo-de-macaco.ghtml>> Acesso em 20/12/2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Natalino da Silva. **"Escrever é sangrar"**: reflexões sobre ancestralidade, racismo e dor em Olhos d'água de Conceição Evaristo. Aletria, [s. l.], v. 29, ed. 1, p. 179-195, 2019. DOI 10.17851/2317-2096.29.1.179-195. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18840/15813>. Acesso em: 20 dez. 2022.

RIBEIRO, Ana Elisa *et al.* **Linguagem, tecnologia e educação**. [S. l.]: Petrópolis, 2012.

SILVA, Alexandre José de Carvalho. **Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e da comunicação**. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2020.